

Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Officinas de Impressão e Estereotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

Director interino: ALBERTO DIAS
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9550; Província, 3 meses 28550; Africa Portuguesa, 6 meses 66500; Estrangeiro, 6 meses 102500
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2472

DIÁRIO DA MANHÃ

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

QUARTA FEIRA, 22 DE DEZEMBRO DE 1926

As cooperativas

Anda toda contente a Federação das Cooperativas porque o governo lhe passou para as mãos mil e quinhentos contos a fim de bem se desempenhar da sua missão. E qual é a sua missão? Segundo ela própria confessa, baratear a vida. Ora, nunca notámos que as cooperativas conseguissem fazer baratear o custo da vida. Mas não é apenas este objectivo que os cooperativistas querem alcançar. Eles querem mais, muito mais. Eles querem mesmo resolver a questão social. Praticamente, como todos sabem, nunca o conseguiram. Vejamos, entretanto, se da teoria cooperativista, examinada imparcialmente, se poderá depreender que a questão social seja resolvida.

A tendência da cooperativa, é absorver todo o trabalho de distribuição da produção, tanto quanto possível em harmonia com a capacidade de aquisição do povo e da quantidade da mesma produção. Se as cooperativas conseguissem realizar este objectivo a burguesia capitalista ficaria completamente arruinada. Mas esta defende-se e as melhores armas estão do seu lado, porque não abolindo o cooperativismo o Capital, a burguesia mais aguerçada, mais poderosa financeiramente tem nas mãos a força bastante para arruinar as cooperativas que apareçam a fazer-lhe sombra. Estas, vivendo num ambiente capitalista, forçadas a aceitar a sociedade tal está constituída, criam nos elementos que as compõem um espírito de ganância que anula o primitivo ideal colectivista que as animou. Este facto é de resto, mais do que os acontecimentos banais da prática, a condenação das cooperativas como factor transformador da sociedade.

Esses organismos de carácter económico estão condenados ao fracasso. Se não grandes lucros enveredam pela immoralidade do roubo legal que condenamos ao comércio, se não perderá muito que o cooperativismo em Portugal se extinga completamente.

O contentamento da Federação das Cooperativas tem qualquer coisa de macabro. Ela está contente por pressentir próxima a sua morte. Será a queda de mais uma ilusão popular. E' possível que nos enganemos, mas não tardará muito que o cooperativismo em Portugal se extinga completamente.

Um diamante encastado em maça

PARIS, 21.—A polícia está já de posse do célebre diamante rosa roubado do museu Chantilly e capturou os ladrões. A preciosa pedra estava dentro de uma maça no quarto do hotel ocupado pelos gatuños. Foi uma criada que descobriu o esconderijo. Os autores do crime são dois alsacianos.

O acordo franco-hungaro

PARIS, 21.—Foi ontem assinado o acordo comercial entre a Hungria e a França, obtendo esta última importantes concessões para os seus vinhos, tecidos e perfumarias.—L.

NA ITÁLIA FASCISTA

A reforma dos serviços policiais

ROMA, 21.—A reforma dos serviços de polícia no momento actual da política externa serão apreciados num conselho de ministros convocado para 3 de Janeiro.—L.

O culto dos mortos

ROMA, 21.—Celebrou-se em Ferrari, com a presença do sub-secretário do Estado Balbone, a cerimónia do sexto aniversário dos mortos fascistas de 1920.—L.

Saldo que diminuiu

ROMA, 21.—A conta do tesouro, que nos cinco primeiros meses de exercício apresentava um saldo de 402 milhões, registou no fim de Novembro um saldo de 120 milhões.—L.

Uma prenda para Mussolini

ROMA, 21.—E' esperado em Roma um grande aparelho transmissor de T. S. F. oferecido a Mussolini pelos italianos da América e que o Washington desembarcou em Nápoles.—L.

Mais impostos

ROMA, 21.—A folha oficial publicou uma longa lista de mercadorias sujeitas a nova tarifa aduaneira cuja aplicação é feita imediatamente.—L.

A guerra civil na China

LONDRES, 21.—Segundo notícias recebidas da China, 300 coolies capturados pelos exércitos do norte, foram enviados em vagões abertos de Pekim para Pingts-Chung, a fim de serem julgados. As respectivas autoridades cumpriram as ordens que naquele sentido lhes foram dadas, devolvendo os cadáveres nos mesmos vagões.—L.

O magno problema só encontrará solução quando for encarado em toda a sua amplitude

As estradas são um problema de todas as épocas. Devido ao abandono a que foram votadas há sempre um motivo de crítica e de censura para o estado em que elas se encontram. De verão, em virtude de maior movimento de turistas, são mais lembradas porque quem delas se pode ocupar, quer na imprensa, quer noutros lugares, tem que transitar por esses barrancos através de grandes perigos e dificuldades. Depois de uma viagem maçadora e acidentada vem à mente a ideia de combater com rija prosa essa vergonha.

Mas de inverno é quando o caso é mais sério. Na verdade nesta quadra do ano o movimento de turistas não é tão grande. Mas o movimento dos outros transportes não afrouxa, e os veículos para vencerem alguns quilómetros sujeitam-se a mil e uma contrariedades. Ainda não há muitos meses—no final do inverno passado—que no cerando Condes se projectou um film bem expressivo do estado em que se encontram as estradas do país. Durante alguns minutos, perante a estupefacção de centenas de espectadores, numa sucessão triste e desoladora passaram cerca de 50 quilómetros que ligam a estação de São Mamede a Peniche, florescente vila, cuja indústria local é um elemento de importância.

Pois por essa estrada não podem transitar caminhões, carros de turismo, carroças, trens ou outros veículos. O transporte do correio é feito em burro, como nos tempos primitivos. Não julgue, porém, o leitor que esse género de transporte se torna fácil. Isso sim. O pobre animal a certa altura da estrada fica entrado até às orelhas. Para avançar só dispendendo grande esforço.

Com os carros de bois, para o transporte de mercadorias da estação do caminho de

ferro para a vila e desta para a estação, vive-se uma perfeita tragédia. Horas sem conta os carros permanecem metidos na lama, completamente cobertos, como se atravessassem uma ribeira.

A estrada está intransitável, cheia de buracos e é inundada pelas águas que afluem de várias propriedades, as quais se localizam nas covas e dão à estrada uma fisionomia oceânica.

Para o Sul sucede o mesmo. As estradas assemelham-se a montanhas marroquinas. Só por ironia se podem considerar estradas. Há barrancos, vertentes mesmo, menos perigosos do que algumas das estradas a que nos referimos. Um automóvel por esses caminhos não deita mais do que cinco quilómetros à hora. Qualquer cidadão que não seja reumático ou que não padeça dos calos vence em menos tempo esse percurso.

No Algarve as estradas encontram-se na mesma vergonha, no mesmo estado intransitável. E nas outras províncias a situação não é melhor. As estradas são o eterno suplício do que delas têm que se aproveitar.

Fala-se agora de novo nas estradas. E aventam-se medidas interessantes para a solução (?) do problema. Diz-se que algumas já foram tomadas, o que realmente sucede.

Para que se reserve para os dois quilómetros de estrada, deixando os restantes intransitáveis?

Esta medida lembra-nos a daquele enfermo que curava uma chaga de origem sífilítica com parches de borato de sodal... As estradas têm que ser reparadas. Mas para que se realize um trabalho proveitoso é mister encarar o assunto em toda a sua amplitude.

Sem isso é realizar um trabalho incompleto.

UMA SANÇÃO VIOLENTA

Três meses de cadeia por causa de um simples artigo

A irritação de um adposo funcionário dos Correios, que encontrou numa caixa aos tribunais o melhor desforço da sua dignidade, e uma consequente decisão de vários juizes, atiraram para uma cadeia, onde ficará por três meses, o jornalista Félix Correia, autor de um artigo que só o queixoso dava como ofensivo.

Nenhum jornal deixou de ficar a violenta e injusta condenação que ora tortura um homem corajoso e digno; excelente camarada que entre os redactores de A Batalha conta amigos que muito o consideram.

Queremos também manifestar a Félix Correia o nosso sentido protesto e a nossa veemente solidariedade moral e profissional. Ainda que os factos exponham o platonismo desta nossa atitude, creia Félix Correia que ela exprime sinceramente a repulsa por lhe ter sido aplicada com efeito retroactivo uma sanção que o delicto poderia determinar em caso algum, muito menos quando houve a coragem altaneira de o confessar e afirmar sem tibiezas.

O adposo e convencionalmente ofendido funcionário dos correios—que deve ser um homem de mesquinha alma—tem motivos para se considerar vingado. Os severos juizes que usaram de uma lei recente para castigar um delicto antigo—o que não significa o menor critério de justiça—julgarão ter cumprido um dever, e isso bastará para que vivam de consciência tranqüila. Nós é que temos outra forma de interpretar as cousas da vida, a ponto de não hesitarmos na afirmação de ter sido Félix Correia vítima de uma cobarde represália que teve como natural consequência uma sentença injusta.

Sempre defendemos com ardor a liberdade de opinião. Saiba, pois, Félix Correia que pode contar com a nossa sentida e incondicional solidariedade, apenas lamentando nós que pesadas circunstâncias impeçam que o nosso protesto seja mais incisivo.

Um protesto do Sindicato dos Profissionais da Imprensa

Reuniu ontem a direcção do Sindicato dos Profissionais da Imprensa, tendo tratado largamente da violência de que foi vítima o nosso camarada Félix Correia, ao ser atingido pelo efeito retroactivo da actual lei da Imprensa, lei que, aliás, por vexatória e iniqua tem sido repudiada por todos os jornalistas. Resolveu-se tratar do assunto em Assembleia Geral, que brevemente será convocada.

A direcção resolveu também dar todo o seu apoio aos profissionais da Imprensa que trabalhavam no jornal O Sol, suspenso há dias, secundando-os nas suas legítimas reclamações.

Os bons exemplos

A cidade de Amsterdão acaba de festejar o cinquentenário do canal que, inaugurado em Novembro de 1876, a ligou ao mar do Norte. O canal ocupa um lugar importante na vida económica da Holanda. Aumentou consideravelmente a fonação do porto de Amsterdão. Depois de 1920, começou-se a alargar extraordinariamente o porto onde hoje podem abordar os navios do maior calado.

O papa e a "Action Française"

ROMA, 21.—No consistorio secreto realizado ontem o papa confirmou as suas anteriores reprovações da atitude do agrupamento monárquico francês de que é órgão "L'Action Française".—L.

O avião "Hercules" aterrou em Nápoles

NÁPOLES, 21.—O avião inglês "Hercules" em que viajam Drankear, director da aviação civil britânica, e outras autoridades aterrou esta manhã vindo de Inglaterra, em Nápoles. O "Hercules" segue para Malta e Mesopotamia.—L.

Notas & Comentários

As taxas postais

A proposta de redução de porte de livros e jornais que os delegados portugueses apresentaram à conferência internacional foi aprovada pelos principais países do mundo. Foi uma atitude simpática a da delegação portuguesa merecendo por isso os aplausos mais ruidosos. Mas como em Portugal costuma andar tudo à matroca e a contradição, a incoerência, são tão vulgares entre nós como patinas num palheiro, de esperar que a despeito de tão simpática atitude, não se ponham em prática as medidas propostas, sendo ao cabo de longas conseiras e reclamações dos que são por ela beneficiados.

Caso raro
Sabemos que em regra a policia de costumes tem o péssimo costume de ser de uma indecência e brutalidade inultrapassáveis. Sempre que se nos oferece ocasião criticamos com a aspereza que merecem essas atitudes brutais. Mas não regateamos o aplauso a qualquer quando ele se porta de maneira diferente e digna de boa menção. Por isso nos apressamos a transcrever do Diário de Lisboa a seguinte local:

"Merece citar-se este rasgo do civico 2.136, que nos foi comunicado por testemunha presencial. Tendo encontrado, nas imediações dos Anjos, um pobre velhinha caída no chão, com fome, leu-vou a uma casa de pasto, onde lhe fez servir uma refeição que a reanimou. Em seguida, meteu-a num carro eléctrico para a sua morada, nas Escolas Gerais, pagando toda a despesa da sua algebrisa."

Jornalismo novo-tico
O Diário de Lisboa, de quando em vez, assume um ar importante, impertigante e fala-nos da questão operária. Pretende sempre usar as nossas habituais expressões e falar de catedral sobre o assunto. Mas não consegue, por maiores esforços que faça, compreender o que deseja explicar aos seus leitores ávidos de notícias de sensação. O que ontem publicava é uma horrorosa e brutalidade que ninguém percebe. E o que tem graça é que aquele jornal dizia aquelas barbaridades com o ar enfatuado dos novos ricos ao usar "palavras caras" cuja significação desconhece.

Santa família
Os sobrinhos do Papa, que são condes e foram casados recentemente pelo Santo Tio, andam em viagem por Espanha e tencionam vir a Lisboa. Ser sobrinho do Papa e possuir um pouco da sua santidade. Parece que já se prepara uma recepção aparatosa, como convém, a tão altos personagens. Cristo, se ressuscitasse, voltava a morrer perante as grandezas da santa família que tanto contrastam com a pobreza do brando Nazareno.

Livros novos
Ainda este mês deve ser posto à venda o novo romance de Duarte Lopes, "Santa Rosa do Ermo". Neste livro o autor de "Frei Sangue" e de "Certas Almas" põe em foco o tão impugnado problema religioso-social. A edição é da casa António Maria Pereira e valoriza a uma arte capta do consagrado desenhista Alfredo Cândido.

Correia da Costa acaba de publicar um curioso livro de contos, O esplendor das cousas, que marca sensíveis progressos do autor na sua arte modernista, por vezes, bizarra. A edição é da livraria "Lumen" de Coimbra, e a capa, delicada e atraente, de Almada Negreiros.

As grandes brutalidades
NOVA-YORK, 21.—No combate realizado em Nova Jersey, que terminou depois dum minuto e 35 segundos de duração do segundo "round", Kack Delaney, campeão do mundo dos meios-pesados, bateu o pugilista Budd German, do Estado de Wisconsin.—L.

A LEPROA

O isolamento obrigatório dos leprosos não se cumpre, a-pe-sar dos perigos a que está exposta a população

A lepra é uma das mais perigosas enfermidades. Pior do que a tuberculose ou a sífilis, porque estas, no estado incipiente, curam-se na maioria dos casos.

Com a lepra não sucede o mesmo. E' uma doença cutânea incurável. O leproso pode viver vinte, trinta anos atacado do terrível morbus sem, contudo, morrer dessa doença.

A lepra é perigosa, porque é uma das enfermidades mais contagiosas. Dizem os esclarecidos que esta doença só se manifesta sete anos depois do paciente ser contagiado. De forma que quando se dá pela lepra já ela não tem cura.

Uma das causas da disseminação da doença é o contacto com pessoas não atacadas. Isto é a forma de evitar que ela se propague é isolar os doentes, preservar os seus do contacto dos leprosos.

No estrangeiro há "gafarias" onde são isolados estes doentes, e ali permanecem até morrer. Desde que para ali entram ficam proscritos da vida. Nunca mais de lá saem, porque nunca mais podem comunicar com o exterior.

Esta medida evita que o numero de leprosos seja maior, o que é motivo para alauso.

Entre nós pensa-se de forma diferente. Não possuímos "gafarias" nem sequer isolamentos para os leprosos. O unico hospital onde se acolhem esses infelizes é no Rego.

Não se julgue, porém, que o leproso fica isolado. Isso sim. O leproso querendo vem à rua porque facilmente foge donde está.

Há pouco mais de um ano uns animais que visitavam aqueles doentes levaram do seu pavilhão restos de comida que foram utilizados por crianças residentes numa barraca próxima do hospital.

O resultado não se fez esperar. Uma das crianças morreu imediatamente.

Mas há mais. Mesmo junto ao hospital do Rego há inúmeras edificações, cujos moradores facilmente podem ser contagiados pelos pestíferos. O dr. João Pais de Vasconcelos, director dos hospitais, entende que essas moradias estão muito próximo do hospital.

A bem da saúde dos seus moradores impunha-se ou a retirada dali do hospital ou o seu afastamento.

Há depois um agente transmissor da doença: a mosca. A mosca prolifera naquele estabelecimento de uma maneira espantosa. E importa o germe da doença que vai depositar nos corpos não contagiados.

Este grave perigo foi revelado pela Batalha há mais de um ano, quando da nossa reportagem sobre os hospitais.

A falta do isolamento dos leprosos foi já tratada por nós. Quando se tomarem providências?

Certamente quando se registarem novos casos como aquele da criança a que acima fazemos menção.

Mas a que propósito vêm estas considerações? Perguntará surprehendido o leitor. Foram motivadas por algumas considerações do nosso colega Diário da Tarde sobre a lepra.

Dizia aquele vespertino que «o isolamento obrigatório dos leprosos não se cumpre. E' verdade! E por isso não será de estranharmos que amanhã todos nós sejamos contagiados pela lepra, em virtude do desleixo de muitos leprosos morais a quem os nossos destinos estão entregues».

O processo Pangalos

ATENAS, 21.—O parlamento ratificou o decreto publicado pelo último governo e relativo ao processo do general Pangalos e outros membros do seu ministério.—L.

Resultados de Genebra...

BERLIM, 21.—Stressmann, discursando em Hamburgo, declarou que a política externa da Alemanha se apoia numa forte maioria independente das flutuações da política interna.

O ministro dos Negócios Estrangeiros acrescentou encontrar-se feliz pelos resultados de Genebra e satisfeito com o método da discussão directa, único susceptível de solucionar todos os problemas ainda os mais importantes.—L.

Os grandes potentados

LONDRES, 21.—Sir Beddoe Rees adquiriu em Abercave um grupo de minas de antracite, com uma produção anual superior a 60.000 toneladas. Afirma-se que o preço de compra foi superior a um milhão esterlino.—L.

Nas repúblicas soviéticas

MOSCOWIA, 21.—Ryckoff, discursando na assembleia plenária, afirmou que os soviéticos não desejam favorecer o comércio estrangeiro; para que o comércio dos soviéticos fosse aumentado o capital estrangeiro seria necessário rever todos os problemas das relações económicas soviéticas.—L.

ATRAVEZ DE AFRICA

Em pleno e longínquo sertão

As impressões que a um visitante europeu deixaram as ricas terras da Chindumba

O sol começa a declinar enchendo de suavíssimas sombras a banha da Chindumba. Dou por terminada a entrevista com o soba a quem faço um pequeno presente de tabaco, dando-me ele, em troca, uma pele de leopardo, facas de malto e cachimbos para a minha colecção.

Descemos o mórro, acompanhados pelo soba e comitiva que foram apresentar saudações ao guvulo que se encontrava hospedado em casa do capitão. No caminho, por detrás das árvores e de dentro das palhoças, surgiam algumas belas mulheres, plásticas de bronze, pernas e bustos nus ostentando à claridade crepuscular os penteados extravagantes enfeitados de penas vistosas, as tatuagens artísticas na pele esbelta, levemente envoltas em panos negros esvoaçando como echarpes, fazendo-me sugerir lendárias sacerdotizas negras que nas misteriosas sombras do bosque se preparassem para algum festim pagão ou sacrifício de amor, libélulas douradas e dançarinas ensaiando incrível bailado para bom teatro gentílico. Já longe, ainda se ouvia a sua algazarra infantil, qualquer coisa de selvagem, palavras desconhecidas—móio... móio... baibó... baibó... adeus... adeus... até logo... palavras de satisfação e despedida.

O governador, apurmoado, recebeu os cumprimentos e ouviu as reclamações, mandando distribuir algumas peças de vestuário; e o capitão Aleixo ofereceu-lhes uma magnífica audição de gramofone que eles escutaram de olhos espantados, sempre atribuindo ao branco poderes tão sobrenaturais que até inventam máquinas falantes.

Depois do jantar, enquanto o sono não vinha, vieram duas garotas negras, que já não eram crianças mas ainda não eram mulheres, entreter o resto do sertão. Eram bonitas, pequenos seios a despontar, sob panos rasgados, coquette já consciente, mal tratadas pelas vicissitudes do mato, e chamavam-se: Nésse e Nhamoxir. O seu passadouro convívio com os brancos que aqui passam já as civilizou, e com eles aprenderam palavras em português; contaram-nos—a mim e ao Mesquita, um funcionário administrativo que ia para os lados do Zambeze—algumas histórias e lendas da sua raça e religião.

No outro dia de madrugada deixámos Chindumba e abalámos caminho do México. Ao volante o próprio governador faz voar o Dodge, corremos numa velocidade que dá a média de 70 à hora, e assim galgamos mórros, atravessamos anharas, passamos sobre rios fazendo ranger as velhas pontes gentílicas, e cortamos florestas enormes atapetadas de caprichosos fetos, variadíssimos e mimosos arbustos, trepadeiras que se entrelaçam no arvoredor e pendem em grandes massiços, formando reposteiros verdejantes, da mussibi, da jungle, da melengo e outras árvores de alto porte.

Cada lugar interessante, paisagem ou rio que mereça referência, é-me indicado pelo governador que, mesmo ao volante, me vai contando uma pequena lenda ou história—aquí certo colono branco audacioso que foi esbarapado por um leão; além um velho carroeiro boer, muito mau, que foi assassinado a golpes de zagaia por um bando de negros; mais acolá, nas terras moles do Bingu—Bingu, um preto que ficou enter-

rado em todo, emfim, intermináveis e curiosas narrativas.

A meio do dia, para lá do Calundua, abrigados dum sol ardente num recanto da floresta, almoçamos com grande apetite; e sem demora outra vez o carro parte estrada fora, na mesma vertigem, porque um sol de fogo promete trovoadas.

A's 16 horas estamos no Munhango, sede da primeira circunscrição do México, arredores bastante povoados de indígenas, com meia dúzia de europeus, lugar onde dizem, com visos de verdade, que existem grandes jazigos de carvão; curta demora, apenas para o governador receber cumprimentos e transmitir algumas instruções aos seus subordinados, e outra vez o carro se põe em marcha fugindo à noite pavorosa que se aproxima. Começa a esfriar, e nas alturas de Sachango morreu o sol, enchendo o caminho de sombras; ao longe soam os primeiros trovões, e faz-se um pesado silêncio só quebrado pelo resfolgar do automóvel; na enorme floresta abrem-se, agora, grandes clareiras devidas às árvores que o indígena derruba para fazer lenha; e vista à luz tenue dum crepúsculo doente, de vez em quando iluminada pela electricidade dos relâmpagos, a floresta toma aspectos macabros, parece estranho campo de batalha, há troncos de árvores que lembram corpos mutilados, pernas partidas, braços erguidos em súplica na hora da agonia, achas e raízes, como que petrificadas, que parecem ossadas de gigantes—e não faltam visões de força, de crucificados, de estendidos corpos inertes—todo um macabro campo de morte, esta visão tétrica da floresta africana, sentida num momento nervoso e febril.

Depois de Cachepoque fez-se noite cerrada e entrou a cair tremendo aguaceiro; caminhámos quasi ao acaso, afrontando o perigo das grandes covas na estrada e de algumas ribanceiras; mas não se pode perder tempo porque há pouca gasolina e o sitio não é dos melhores para se passar uma noite, na contingência de visitantes importantes; a projecção dos faróis é prejudicada pela chuva, de modo que o automóvel continua ao acaso, correndo como louco monstro de pupúlas incendiadas, de vez em quando saindo do leito da estrada, dando a impressão que vai ser engulido nas trevas de qualquer abismo.

Decorre uma hora, passamos um rio, mais outra hora, mais outro rio, e a chuva ruidosa sem parar. Quantos rios atravessamos nesta caminhada! Não me lembram todos os nomes—o Quanza, o Laloa, Quamba, Calundua, Bingu-Bingu, o Luena e, finalmente, o Simogé!

Enfim, estamos no México, na sede do distrito, e faz medo pensar que ainda há meia dúzia de anos este enorme trajeto se fazia em trinta dias de jornada, dois meses para vir e voltar, sempre às costas de pretos.

Chegamos alagados, febris, esmoeados; e, enquanto o governador veste a sua farda de oficial, onde brilham as estrelas da sua hierarquia, para, mesmo aquela hora, receber os cumprimentos das inúmeras pessoas que o aguardavam, eu vou-me escapulindo para a mesa onde me aqueço com um riquíssimo prato de sopa e um bom copo com vinho, e daí a pouco mergulho na cama esmagado sob o peso desta Africa enorme.

Juliano QUINTINHA

SINDICALISMO E ANARQUISMO

Sem a intenção de atacar opiniões alheias, e só com o propósito de expor, claramente, as próprias e de contribuir para esclarecimento da confusão que actualmente existe entre sindicalismo e anarquismo, escrevemos estes artigos. O que é o Sindicalismo? Onde vem? Que quer? Onde se dirige?

Eis aqui as perguntas a que vamos responder.

O sindicalismo tem duas definições: Uma que lhe dão os que o apresentam como um fim social e a outra os que entendem que o sindicalismo não é mais do que um meio.

Segundo os primeiros, o Sindicalismo constitui uma doutrina; segundo os outros, é uma arma para estabelecer uma doutrina. Tem a primeira opinião, os que o consideram o sindicalismo, como sendo já poderoso. Tem a segunda os que o veem como o sindicalismo, o propagaram e sofreram com os seus sofrimentos.

De maneira que consideramos que o sindicalismo é um meio aqueles que o conceberam, e entendem que o sindicalismo é um fim, aqueles que de certo modo o educaram.

Toda a concepção é um facto real. Toda a educação pode ser, não digo que seja, interessada, errônea ou falsa. A uma mãe ninguém pode discutir a realidade de seu filho; ao professor pode-se-lhe alcançar de setecio ou de equívoco.

Deram vida ao sindicalismo, entre outros Marx e Bakunine; educaram-no Sorel e Labriola. Bakunine e Marx conceberam uma idealidade de transformação social e logo criaram as associações operárias internacionais como arma para estabelecer aquela idealidade. Sorel e Labriola encontraram organizadas as sociedades operárias e querendo aproveitá-las como base de uma sociedade melhor, sobre a sua constituição e funcionamento, tentaram levantar um novo edificio social. Explicar qual era o meio para estabelecer a nova sociedade na opinião dos fundadores da primeira Internacional propuseram-se Labriola e Sorel assentar as bases da própria sociedade nova. Nestes está o sindicalismo como fim e naqueles como origem e como meio.

Vejamos agora quais foram os princípios internacionais de Marx e de Bakunine; qual foi a sua visão de uma sociedade futura, e qual é a do sindicalismo, na palavra e no pensamento dos seus definidores, para que, devidamente inteirados, possamos integrá-los na ideia e no principio que perfilhamos.

O principio internacionalista de Marx e

de Bakunine foi um: Unir e organizar os trabalhadores de todo o mundo para opor-se à exploração capitalista, primeiro, e acabar com ela depois. Até aqui o mesmo pensamento guia os dois colossos.

«Mas que tática há-de empregar-se para alcançar aquele propósito? Alcançar qual será a fórmula da sociedade futura?»

Bakunine e Marx, começaram a separar-se, se é que algum dia estiveram unidos. Marx preconiza a acção económica das sociedades operárias e também a política, propriamente dita. Bakunine a económica e a social, entendendo por acção social a revolta popular.

A prática separa, pois, os mestres e os leva a discutir. Viviam os dois há muito dum comunismo filosófico e sonhado. No livro e na cátedra privavam os chamados utopistas, que eram assim como os alquimistas da sociologia, sem terem nenhum contacto com os trabalhadores.

Marx colheu esse comunismo de homens gloriosos e fê-lo carne do povo, ao fazê-lo político, arma de lutas populares. Proudhon, grande amigo do jovem Bakunine e adversário de Marx, colheu o espírito daquele mesmo comunismo e o converteu com seu talento poderoso, em socialismo (de Proudhon é a frase) lançando-o, também sobre a cabeça do povo.

Da socialização dos bens, isto é, bens sociais ao comunismo de bens, quer dizer bens comuns, só há a diferença que uma comunidade pode não ser social. Mas se criamos uma idealidade comunista internacional, resultará, portanto, uma socialização internacional de bens.

Os mestres com desejos de lutas e com antipatias pessoais, não se entenderam. As ideias, foram sim entendidas, mas eies não.

Bakunine discordou do seu mestre, quanto ao propósito geral da socialização e querendo tornar mais prático e acessível às massas populares o socialismo de Proudhon e o comunismo de Marx, escreveu, entre os dois, a palavra colectivismo. (Bens colectivos, trabalho colectivo, produtos colectivos.)

Assim não era necessário esperar que se implantasse uma socialização geral de bens que requeria unidades e afinidades de ideias de carácter internacional, nem um comunismo que, para ser prático e humano, demandasse um largo período de evolução moral nas massas.

O colectivismo aproximava-se ao modo de ser da nossa estrutura moral e social, mais que o comunismo e mais do que o socialismo, e no entanto o socialismo e o comunismo têm hoje maior voga de ideias que o colectivismo, a-nesar-de que, como vere-

TEATRO NACIONAL
Telefone N. 3049
Companhia Berta Bivar-Alves da Cunha
A's 21 horas a representação
do sensacional drama
em 4 actos
O PARALITICO
peça que todos devem ir ver para
apreciar o notável trabalho
do ilustre actor Alves da Cunha
QUINTA-FEIRA
FREI LUIS DE SOUSA

TEATRO VARIEDADES
TODAS AS NOITES DUAS SESSOES
às 20,30 e 22,30
COM A COMEDIA PORTUGUESA
O PINTO CALÇADO

mos adiante, se parece muito com o sindicalismo doutrinarista dos nossos dias. Não historiemos os motivos pelos quais os socialistas passaram com o tempo, a ser colectivistas e os collectivistas a serem comunistas; mas sim indicaremos os factores morais que para elle contribuíram. Proudhon era francês e todas as intelligencias burguesas de França que se iam separando da politica de sua classe e as novas ideias que adoptavam directamente podiam chamar-lhe operários. Ingressavam no socialismo do seu professor nacional. Com isto e com a influencia que a mentalidade francesa tem exercido no mundo, o socialismo ia vencendo o comunismo em todas as partes até que se produziu a revolução russa.

Morto Carlos Marx, os seus discipulos franceses, entre elles Guesde, se declararam socialistas collectivistas. Socialistas como inimigos da sociedade capitalista e collectivistas como formula para a sociedade nova. Mas enquanto se ia realizando pelo centro socialista tal transformação, pela esquerda se realisava outra.

Proudhon foi o primeiro sociólogo politico, chamando aqui politico pelo facto de ser sociólogo das lutas populares, que escreveu a palavra anarquia como uma possibilidade de que as sociedades poderiam viver sem governo. Foi também Proudhon o que concebeu uma ideia federalista das nações, idea que havia de ir e para elle ao desenvolvimento da negação autoritária. A sociedade anarquista o federalismo levava o exercicio de todas as autonomias que começam com a independência da região e acabam com a do individuo.

Bakunine, que como já fizamos, foi discipulo do mestre francês e discipulo que, alguns extremos suplantou o professor, colheu a concepção anarquista que Proudhon mais não havia feito do que inciar como causa remota o conceito federalista, e umido-o ao seu colectivismo, fez a doutrina federalista-anarquico-collectivista, que levou a Internacional depois de haver a propagação no seio dos centros revolucionários de Europa.

(Continua)

O NATAL

Albergaria de Lisboa

Na Albergaria de Lisboa, onde se albergam centenas de indigentes, menores e adultos de ambos os sexos, a exemplo do que tem sucedido em anos anteriores, está a sua direcção empenhada em levar a effecto a festa de Natal.

Far-se-há a árvore para as crianças e para adultos, e será essa data assinalada também por forma a deixar-lhes recordações, isto independente da melhoria de janitar, de que todos por igual beneficiarão.

Agremiações várias

Grupo Anti-Clerical 14 de Julho.— Os Livres-Pensadores da Freguezia de Santos, sem distincção nem preocupações politicas, no intuito de defender os principios de emancipação da consciência e defender-se das perigosas investidas do clericalismo intolérante e implacável, acabam de constituir um Grupo a que deram o nome que nos serve de epigrafe.

A Comissão organizadora deste Grupo de Liberais, sem tibiezas, antes com inteira confiança no ardoimento dos seus adeptos, conta resolutamente e desde já effectivar os números do seu programa, predispondo-se para todos os maneios anti-clericales.

Em breve realizará as suas eleições para o Conselho Administrativo que será composto de três membros.

Grupo Terra Livre.— Reúne hoje, pelas 21 horas.

Os soviets reconhecem a Lituania

VARSÓVIA, 21.— Afirma-se que os soviets reconheceram o novo governo da Lituania.—L

A mania dos orçamentos

PARIS, 21.— O relator do orçamento municipal de Paris espera fazer eleva as receitas no próximo ano, a 70 milhões de francos.—L

Catolicismo é uma coisa e cristianismo é outra

O Catolicismo, proclamamos nós, é o Cristianismo adulterado através dos tempos. Esta afirmação categorica não agrada aos católicos, sabido que a eles convém a confusão entre uma e outra ideia, para darem a religião católica o prestigio e pureza que ella já não comporta há muitos seculos. Para os fanaticos do clericalismo não há que distinguir entre cristianismo e catolicismo. Este é a palavra de Jesus. O Cristianismo está integral dentro do Catolicismo, continua a fulgurar sob a chiefa suprema dos papas, que, de Roma, a todos protegem, a todos abençoam, como representantes de Deus na Terra, infinitamente bondosos e sapientes. O católico é cristão, e vice-versa, sem qualquer espécie de embaraço ou demarcação.

Assim se arranjou uma embrulhada esquisita, incoerente, uma mistura arrevizada, onde não existe sombra de senso ou ideologia em equilibrio.

Não pode ser. Não deve ser. O Cristianismo tem de se colocar num lado, e o Catolicismo noutro. Separar uma concepção da outra, é prestar um serviço à humanidade.

A primeira doutrina representa algo de puro, de bem intencionado, de belo; a segunda, consubstancia-se unicamente tudo quanto se tem feito pelos seculos fora, para deparar e devastar esse algo de puro, de bem intencionado e de libertador que o Cristianismo significava e ainda significa.

Do Cristianismo ainda brotam centelhas de muita luz. Do Catolicismo apenas sai a treva densa e congeladora. O Cristianismo, na sua essência, é o bem; o Catolicismo, o mal.

Assim é que está certo. Cristo aconselhava os homens a praticarem a bondade, e para elle, essa palavra significava liberdade, igualdade, amor. Os católicos, os mestres da Igreja aconselham a submissão, admitem os privilegios de indivíduos e de classes e condenam o amor.

«Supporta te bitem te», proclamam os doutores eclesiasticos.

O Cristianismo era defendido e perseguido pelos humildes. Hoje o Catolicismo é a religião dos ricos, dos fartos e dos poderosos.

«Os pobres, os escravos, os desgraçados, as mulheres abraçavam com entusiasmo a doutrina do meio Nazareno, que lhes falava dum Deus de justiça e de amor, que acabava os poderosos e elevava os humildes, que pregava a igualdade entre os homens, a liberdade de todos os oprimidos, a fraternidade entre os povos.

«Não mais ricos, nem pobres, nem homens livres, nem escravos; os privilegios e as riquezas de nada valiam. Ser bom é amar os outros; o amor é pois a base da nova religião—que será a religião da Humanidade» (1).

Compare-se o que aí fica com o Catolicismo e veja-se se há semelhança entre uma coisa e outra.

Cristo falava aos humildes num Deus de justiça e de amor. Os padres falam ao povo num Deus de vingança, de ódio, criado de baixos sentimentos, que se move a pedidos fervorosos, a clamores choramigeiros, as missas e dadas de toda a ordem, desde os ovos e os queijos da Páscoa, desde as velas e as baratas, desde as fitas, até aos ricos e colossais, às prebendas e legados, em belas propriedades, às famosas bulas que tantas centenas de contos reúnem e contra as quais Martinho Lutero se revoltou—e a todas essas coisas que engordam os bispos e aumentam as faustuosidades do Vaticano.

Os católicos falam ao povo num Deus mesquinho, perseguidor, sanguinário e guerreiro, que tira a uns para dar a outros, que castiga os fracos e premeia os fortes, que mata, que flagela, que manda as trovoadas e as grandes secas, que move as guerras entre nações e propaga as mortíferas epidemias, só para fazer sofrer a humanidade pecadora.

«Onde e como vimos já o Catolicismo defender a liberdade, combater os ricos e os privilegios? Onde e como vimos já o Catolicismo considerar o amor como base da moral e da religião?

Cristo prega o comunismo pratico, combate o capital, nega os profetas, vergasta os «vendilhões do templo, verbera o culto publico e as viagens, prega a clemencia e reprova o sacrificio, pois vem para salvar e não para condenar, combate o Estado, lembra sempre com terror a criminalidade dos que mandam, a ponto de se negar a ser rei, vive com os simples do povo, pregando a Verdade e o amor a Luz, amaldiçoando os ricos e os hipócritas, manda dar a todos segundo as suas necessidades, condena a força armada, obra a tolerância e perdão as culpas, manda ensinar todos os povos, procura dignificar e libertar a mulher da escravidão do homem (2).

Continuando a confrontar o Catolicismo e o Cristianismo. Ver-se-há a diferença, a grande diferença, entre uma doutrina e outra, se é que ao amontoado de mentiras e de falsificações que a Igreja se firma se pode chamar doutrina.

(Continua)

Mário de OLIVEIRA

(1) História de Roma e da Idade Média.—João Soares.

(2) «Sermões da Montanha»—Extractos da Bíblia—Tomás da Fonseca.

Suplemento semanal ilustrado de "A Batalha"

Encontra-se já a venda o primeiro ano deste interessante semanário, devidamente encadernado, numa óptima capa empacada em lã, ilustrada a cores, por Alonso, contendo um indispensável índice dos variados assuntos de ordem doutrinal, literária e artística.

O seu preço é de 1 volume com 420 páginas, 4\$500.

Encadernação (por capas e índice) 20\$00.

Capas e índice em separado, 1\$500. Pedidos de colecções, ou envio destas para encadernação, a administração de A Batalha.

O combate à doença do sono

Foi posto a ordem do alto commissário de Angola, no Banco de Angola, a quantia de sete milhões de escudos metropolitanos, a fim de custear as despesas a fazer com as brigadas de combate à doença do sono.

TIVOLI
TELEFONE N. 5474
ÀS 21 HORAS
O NEGRO BRANCO
Mafiosos em condições de situações, com NICOLAS RIMSKY-SZANE e CHARLES VANEL.
A AGONIA DUM SUBMARINO
Emoçante e film de aventuras, com LILIAN HALL, DAVID CHARLES VANEL, SUZY VERNON e MARCEL VIBERT.
Um documentário
Audição especial pela orquestra, sob a direcção do maestro NICOLINO MILANO.
Amanhã, Sábado, 15 e Domingo, 16—Matinées com programa especial para crianças

TEATRO AVENIDA
Tel. 4.335
Hoje, às 21,30 horas
A representação da comédia alemã
O PÉ DE SALSA
Adaptação dos escritores Bermudes, Bastos e A. Brun

Teatro da Trindade
HOJE—ÀS 21 HORAS—HOJE
PROGRAMA ESTUPENDO
1.ª PARTE—Primeira representação da comédia em 2 actos e 7 quadros, original de Erico Braga, música de Alves Coelho
SÃO TODAS ASSIM
por Lucília Simões-Erico Braga
2.ª PARTE—Representação das revistas em 2 actos e 7 quadros, original de Erico Braga, música de Alves Coelho
PAPO-SECO e POMADA AMOR
pela Companhia Lucília Simões-Erico Braga nas quais toma parte, graciosamente, a bailarina Resumcion Nite, irmã da grande Imperio Argentina
IMPERIO ARGENTINA
Canterà todo o seu admirável repertório
IMPERIO ARGENTINA
Canterà todo o seu admirável repertório
BILHETES À VENDA

Notas varias da Lisboa triste

—Morte misteriosa

No posto da Cruz Vermelha do Calvário, recebeu tratamento, recolhendo depois ao Hospital de São José, em cujo Banco faleceu momentos depois de ali ter dado entrada, Francisco Alves, soldado 324 da 1.ª Companhia do 1.º Batalhão da Guarda Fiscal, de 28 anos, natural de Sarzedas, residente na Quinta do Almarém, à Junqueira, e que segundo consta, caiu de um carro eléctrico na Junqueira. O cadáver foi removido para a Casa Mortuária do mesmo Hospital.

Queda duma carroça

Pelos bombeiros voluntários da Pareda, foi transportado ao Hospital de São José, onde depois de devidamente pensado no Banco, recolheu a enfermaria de Santo António, Manuel Rodrigues Cardoso, de 15 anos, natural e residente em Carreira (Pareda) e que caiu da carroça de que era condutor fracturando a perna esquerda.

Do eléctrico à rua

No posto da Cruz Vermelha do Terreiro do Paço foi pensado e seguiu para casa António Gomes, de 24 anos, empregado no comércio, natural de Almada e ali residente que caiu ao apressar-se de um eléctrico, na Praça do Comércio, fazendo uma luxação da perna direita.

O caso de Cacilhas

Da enfermaria de Santo António do Hospital de São José, sai hoje com alta, o sr. Carlos Mendes Igrejas, 2.º comandante dos Bombeiros Voluntários de Cacilhas, o qual foi, no dia 14 último, agredido a tiro naquela localidade como noticiámos.

Os vencidos da vida

Na Morgue deu ontem entrada, José Luis dos Santos, de 56 anos, carpinteiro, residente na vila Correira, 4, rez-do-chão, ao Bom-Sucesso e que ali se suicidou.

Colhido por uma vagoneta

A enfermaria de S. João Baptista do Hospital de Arroios recolheu Joaquim dos Santos, de 42 anos, jornaleiro, natural de Poimbal e residente em Cesteira (Souzel) e que foi colhido por uma vagoneta em Lamarosa, ficando com um braço fracturado e com varias contusões pelo corpo.

A agressão na Junqueira

Da enfermaria de S. João Baptista também hoje sai com alta Manuel dos Santos Castro, de 25 anos, aquele operário cerâmico, residente no Casal Ventoso de Cima, 32, 1.ª, que, conforme noticiámos, foi, no dia 17 último, agredido na Junqueira.

Vários incidentes

No Banco do Hospital de S. José, foram pensados e recolhidos a casa: Jesuino Guerreiro, de 16 anos, natural e residente no Monte Cerqueira, próximo de Grândola, e que ali foi agredido por um companheiro de trabalho ficando ferido na cabeça; Helena da Conceição, de 25 anos, moradora na rua Silva e Albuquerque, 71, 1.ª, que foi agredida na mesma rua ficando ferida na cabeça, e Manuel Nunes, de 26 anos, caldeireiro, rua S. Estevão, 49, loja, que na rua das Tendões foi agredido com uma faca no torax.

Atropelamento grave

Por seu filho, Mário Gonçalves Sousa Araújo, foi ontem identificada aquela mulher que foi atropelada por um automóvel na Rotunda da Avenida e que se encontra ainda sem falar na enfermaria de S.ª Joana do Hospital de S. José, a qual se chama Joaquina Augusta de Souza Araújo, de 63 anos, professora particular e reside na rua José Estevão, 46, 3.ª D.

Identificação de cadáveres

Na Morgue foram ontem reconhecidos e identificados, os cadáveres daquele individuo que no dia 18 último foi colhido pelo comboio em Alentejo e chamava Eduardo Pedro, de 43 anos, corticeiro, natural de Almada e ali residente no Bêco de S. Pedro, e o do individuo que na noite de anteontem foi também colhido pelo comboio em frente da rua Tenente Valadim Chamava-se Artur Fernandes, de 22 anos, e residia na rua das Farinhas, 37, 1.ª.

TEATRO SALÃO FOZ
Matinées às 3 horas — Soirées às 8,45
Ultimos espectáculos do actual programa de que fazemos parte:
SOEURS WALTZ
Formosissimas dançarinas francesas
THOMAZ VIEIRA
nas suas anedotas, canções, etc.
EUGENIA FERNANDEZ
CONCERTO pela FOZ MELODY BAND
No «crânio»—«Os perigos do fliti» (7 partes)
—AMANHÃ—
O episódio em 2 quadros «Romeus e Julieta»; 1.ª. «Balão florido»; 2.ª. «Calças largas»;
O episódio herico em 4 quadros
A MULHER E OS SEUS FANTASMAS
e o quadro «Boncos»
respectivamente originaes de Schiappa, Raúl Portela, Francisco Lage, Luis Oliveira, Guimarães, Cruz e Sousa e Cardoso
—Santos—
—INTERPRETES—
Tomaz Vieira, Agostinho Lagos, Francisco Costa, Rahyra de Sousa, Sofia de Sousa, Zelmira Bettencourt, Aurora Dubini, Balbina Martins e 8 cristas.

DESPORTOS
O 1.º Portugal-Hungria
A revista sportiva «Eco des Sports» recebeu ontem de Vigo, do seu correspondente especial, a seguinte informação que nos parece muito importante:
«Falei com um dos delegados da Federação Hungara que me disse ser impossível jogar a Hungria com Portugal no próximo domingo, visto a sua selecção ter de jogar nesse dia em Budapest com a Austria. Todavia, em virtude da pressão feita pelos delegados portugueses, especialmente pelo sr. Dr. Urgel Herta, o referido delegado afirmou-me ter telegraphado para a Hungria a pedir o adiamento do jogo com a Austria, a fim de poder jogar contra Portugal. Posso no entanto afirmar, por informações que colhi, que se a Hungria tivesse vencido no domingo a Espanha no jogo que se realizou nesta cidade, os seus jogadores teriam partido para o seu país, não jogando a equipa portuguesa. Até agora nada há resolvido, aguardando-se o momento mais problemático e a realização do jogo Portugal-Hungria marcado para o próximo domingo no Porto».

Um chefe de policia modelo

Pedi-nos o chefe da esquadra da Boa Vista que desmentissemos uma noticia que a seu respeito publicamos no penúltimo número do nosso jornal. Trata-se daquelle caso de Miguel Farias, estivador, que um pouco embriagado foi cedido há dias para aquella esquadra, seguido de sua companheira Ilda dos Santos. Ao contrário do que o queixoso nos disse, o aludido chefe não tentou desinquietar a Ilda dos Santos, antes a aconselhou a fazer as pazes com o marido. Deu-lhe cinco escudos para ela ir no carro para o Alto do Pina, onde morava, e comprar nesse dia leite para o filho.

História Universal do Proletariado

«Vinte ciclos de opressão capitalista»

Esta publicação em lingua espanhola que se encontra a venda na nossa administração, é um repto historico, documentadissimo e detalhado das lutas originadas, pela desigualdade social que, sob formas diversas e variadas sistematizadas desde os primeiros séculos da civilização.

Cada fascículo de 48 páginas, 1932, 984-257. Preço, 100 rs.

Esta publicação é a seguinte fascículos:
1.ª—La era de la esclavitud;
2.ª—La rebelión de Espartaco;
3.ª—Abolición de la esclavitud;
4.ª—Apeycción y Servidumbre;
5.ª—La revolución de los siervos;
6.ª—La miseria de los agricultores;
7.ª—«Transformación del Poder Feudal»;
8.ª—El comunismo cristiano;
9.ª—«Los miserables en la Edad Media»;
10.ª—«La libertad husoria»;
11.ª—«La agonia del absolutismo»;
12.ª—«El trabajo motor universal»;
13.ª—«El imperio de la guilhotina»;
14.ª—«Las ideas sociales y la revolución francesa»;
15.ª—«Los primeros tiempos del salariado»;
16.ª—«Hospitales, cárceles y asilos»;
17.ª—«Las crueldades de la burguesia reaccionaria»;
18.ª—«Los héroes de la Comuna»;
19.ª—«Horribles matanzas de Comunistas»;
20.ª—«La República Española y la clase obrera»;
21.ª—«La Primera Internacional»;
22.ª—«El socialismo ante el Parlamento español»;
23.ª—«El futuro obrerista profetizado por Castelar»;
24.ª—«Pi y Margall confunde a los enemigos del socialismo»;
25.ª—«Los precuadores del Proletariado moderno»;
26.ª—«Crueldades burguesas»;
27.ª—«Los mártires de Chicago»;
28.ª—«Muerte heroica de cinco proletarios»;
29.ª—«El proletariado en América»;
30.ª—«Los dictadores mejicanos».

Pelo paquete «São Miguel» são hoje expedidas malas postais para a Ilha da Madeira e Açores.

A Estação Central dos Correios a última tiragem de correspondências ordinárias faz-se às 12 horas, recebendo-se para registar até às 10 horas.

Poi salda para hoje a expedição de malas do correio para o Brasil pelo paquete «Massilia», sendo a última tiragem às 7 horas.

MALAS POSTAIS

TEATROS
«A Tosca» em São Carlos
São Carlos dá-nos hoje em recita impar a famosa opera de Puccini «Tosca», fazendo a protagonista a eminente e consagrada cantora Florica Cristoforeanu, uma das mais notáveis artistas liricas que tem cantado em Lisboa. Dirige a orquestra o ilustre maestro Pedro de Freitas Branco, entrando também no desempenho o tenor Germano Barra, o baritino Marino Emiliani e os baixos Friggi e Paterna.
Amanhã é a segunda representação do «Barbeiro de Sevilha», interpretado por Biju Sayão, Manurito, Marino Emiliani, Donagio e Paterna.
Na bilheteira marcam-se bilhetes para qualquer dos espectáculos da temporada.
As «Sœurs Waltz» e os «sketchs» portugueses
Estão dando os últimos espectáculos no Foz, as formosas e encantadoras bailarinas francesas «Les Sœurs Waltz».

Continua em pleno sucesso Tomás Vieira, com as suas engraçadas canções e anedotas. Esta noite despede-se a admirável bailarina espanhola Eugénia Fernandez, cujos números, especialmente o «Charleston», são sempre entusiasticamente applaudidos.

Amanhã, estreia-se um interessante número português de «sketchs», organizado por Henrique Santana, e vestido pelo ilustre professor de indumentaria Castelo Branco, que interpretará os seguintes episódios: «Romeus e Julieta» («Balão florido», versos de João Tejo, música de Raúl Portela, e «Calças largas», de J. F. L.); «A mulher e os seus fantasmas», de J. F. L.; e «Boncos», música de Cruz e Sousa e versos de Cardoso dos Santos.

O elenco é constituído por Tomás Vieira, Agostinho Lagos, Francisco Costa, Rahyra de Sousa, Sofia de Sousa, Zelmira Bettencourt, Aurora Dubini, Balbina Martins e 8 cristas.

«O Pinto Calçado» e Maria Matos
O protagonista da farsa «O Pinto Calçado», com tão brilhante successo no Variedades, é, como se sabe, o actor cómico Silvestre Alegria, que do papel de «José Maria Pinto» fez uma criação estupenda de graça. Mas a seu lado, imensamente grande num tipo exótico, «A Dona Claudina»—Maria Matos, insigne comediente, é bem o complemento dessa curiosa e hilariante peça portuguesa, porque o seu papel, secundando o do Alegria, é uma maravilha de espirito, observado primorosamente e interpretado de modo que estes dois artistas, como que animando um com o outro, conservam o publico numa permanente gargalhada.

«O Pé de Salsa», no Avenida
O grande éxito Sanelana-Amarante, artistas-empresarios: Félix Bermudes, João Bastos e André Brun, escritores humoristas, é, presentemente, no popular Avenida, o novo e hilarantissimo «vaudeville» «O Pé de Salsa». Peça essencialmente engraçada, provocando o riso em gargalhadas saudáveis e estupiditas. «O Pé de Salsa», unica no seu genero em Lisboa, possui a purissima mais viva e saltitante que se tem ouvido, com trechos e números que todas as noites se repetem, a pedido do publico, duas e três vezes.

Xavier de Magalhães, Lourenço Rodrigues e Silva Tavares, autores da nova revista «Sempre Fixe» que vai subir a scena amanhã, no popular Maria Vitória, do Parque Mayer, pretendem que a sua peça seja como que uma revista ilustrada, caricatural, que o publico veja folhear diante dos seus olhos.

Quinta-feira «Frei Luis de Sousa»
É amanhã que, no Teatro Nacional, sobe a scena, pela primeira vez, nesta época, a peça «Frei Luis de Sousa», de Almeida Garrett, considerada uma das joias literarias da lingua portuguesa. A celebre obra teatral, que vai ser posta com todo o rigor, é, pela primeira vez, interpretada pela companhia dramatica Berta de Bivar-Alves da Cunha. Este notável actor fazendo a reposição de «Frei Luis de Sousa», cumpre uma das clausulas do contrato que fez com o Estado.

Alves da Cunha vai interpretar pela primeira vez o papel de «D. Manuel» e Berta de Bivar o de «D. Madalena».

«Mouraria», o grande original português
«Mouraria», a opereta celebre do Apolo, o primeiro original, entre os que estão em successo, que abriu radiosamente a actual época de inverno em Lisboa, consagrando em absoluto os seus autores, Lino Ferreira, Silva Tavares, Lopo Lauer e o maestro Filipe Duarte, continua disfrutando o maior e mais retumbante successo.

As encheites succedem-se, o publico não discute nem fala noutra peça e a Companhia Almeida Cruz ganhou as suas esporas de ouro com este triunfo, que não tem igual nos annos do teatro musicado, desde os últimos vinte annos.

O grande espectáculo no Trindade
Repete-se esta noite no Trindade o grandioso espectáculo de ontem na festa artistica da notavel Imperatriz del Tango. O programa será preenchido com as revistas em 2 actos e 7 quadros, de Erico Braga, musica de Alves Coelho, «Pomada Amor» e «Papo Seco», interpretadas pela companhia Lucília-Erico e com a colaboração da bailarina Assumcion Nite, irmã de Imperio Argentina. Na 2.ª parte realiza-se a «premiere» da comédia do grande actor Ernesto Vilches, tradução de Rafael Ramos, «São todas assim», por Lucília Simões e Erico Braga. Toda a terceira parte, em «Fin de Fiesta», será desempenhada por Imperio Argentina, em penultima exhibição, em doze números do seu formidável repertório, entre os quais se destacam cinco novos e ainda mais aqueles que o publico quizer com os seus aplausos.

—A sensacionalissima revista «Cabaz de Morangos», que desde Setembro, tão repetidas encheites deu ao Eden Teatro, vai, com as duas sessões de hoje, effectuar as suas penultimas representações, não voltando a repetir-se com os actuaes atractivos. Depois, a popularissima peça será completamente modificada, com muitas outras atracções, e, também, ampliada com dois quadros novos, de palpitante actualidade, e que se exhibirão submerdidos aos titulos «Fora de horas» e «A Bala Humana».

—E' assombroso de audácia, de sangue frio e de coragem o trabalho que o celebre domador de leões Vyanoff apresenta no Coliseu dos Recreios. O intrépido «dresseur» de feras levanta as multidões entusiasmadas, emocionando toda a gente durante uma extraordinária luta com os seus terríveis felinos.

A Bala Humana, exercicio espantoso, em todo o mundo considerado como a coisa mais preciosa que se tem visto em circos, continua a figurar no scerbo programa do Coliseu, que possui muitas outras atracções, entre elas o paraquedista Margutti, que dá

Teatro Apolo
Telef. 3049 N.
Companhia Almeida Cruz
HOJE e todas as noites
2 sessões às 8,30 e 10,30
com a espirotriosa opereta
MOURARIA
em 5 actos, original de Lino Ferreira, S. Tavares e L. Lauer, musicada pelo maestro Filipe Duarte.
Protagonista:
Adelina Fernandes
PREÇOS POPULARÍSSIMOS
Camarotes, 3\$500; 2º, 2\$00; 1º, 1\$00. Fautuils, 900. Cadeiras, 600. Geral, 2\$00

A BATALHA na provincia e arredores

Vendas Novas

A ineficácia dos tabelas

VENDAS NOVAS, 19.— Dissemos há dias, ao serem aqui afixadas umas tabelas de preços, que o seu resultado seria nulo e não nos enganamos, pois o contrario é que seria para admirar. Começaram uma parte de comerciantes por vender os artigos tabelados pelo preço antigo, dizendo aos fregueses que nada tinham com as tabelas. Os vendedores de carnes seguiram-lhes o exemplo. Os hortaliçeiros puzeram-se em greve não trazendo hortaliça ao mercado durante alguns dias, por fim foi uma comissão destes, junto do administrador do concelho protestar contra o tabelamento etc, eis-nos na mesma como se nada se tivesse passado a respeito de tabelas.

A hidra...

Há dias que se encontram nesta localidade, aquarteladas na Escola de Artilharia, forças de cavalaria da Escola de Equitação, e caçadores 2, de Tomar. Sabemos também que o regedor desta freguesia, foi chamado ao quartel militar e ali lhe foi dito para que não permitisse de noite, agrupamentos de civis nas ruas, etc, e caso lhe fosse necessário auxilio da força armada, o requisitado daquele quartel. Estas medidas de precaução juntas a outras que já existiam, bem como certa espionagem que aqui se exerce, dão a esta vila um aspecto bélico e pouco agradável à laboriosa população desta vila, que não vive da politica, mas somente do seu trabalho.—C.

Caminhos de Ferro do Estado

Direcção do Sul e Sueste

AVISO AO PÚBLICO

Venda em leilão de 4 vagões de palha e de uma porção de papel inutilizado

Faz-se publico de que, no dia 23 do corrente pelas 12 horas na estação do Barreiro, proceder-se-há a venda em hasta pública, de harmonia com os regulamentos em vigor, de 4 vagões de palha com o peso de 31.740 quilogramas aproximadamente, remessas do P. V. N.º 1.025, 1.034, 1.038 e 1.062 de Souzel, e bem assim de uma porção de papel inutilizado com cerca de 15.000 quilos.

A arrematação será feita a quem maior lance oferecer sobre a base de licitação que é posta no acto da venda.

Sobre a importância da arrematação será cobrado mais 3 %.

Barreiro, 15 de Dezembro de 1926.—O Eng.º Chefe do Serviço do Movimento, Tráfego e Reclamações Int.ª, (a) Manuel Domingos das Santos.

Edições SPARTACUS

A Teoria Libertária ou o Anarquismo, por Campos Lima, 380r.
Entre Vinhedos e Pomares (novela), por Mário Domingues, 650r.
No Sertão d'Africa (contos tradicionais indigenas), por Manuel Kopke, 650r.
A venda nas livrarias e em administração de A Batalha.

Depósito: «Livraria Renascença», rua dos Poiais de S. Bento, n.º 27—Lisboa

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS

PLANTAS, livro util ás boas donas de casa. Preço 2\$00; pelo correio, 2\$50. Pedidos a administração de A Batalha

Um conflito adiado

PARIS, 21.—Nos círculos diplomaticos considera-se como passado o perigo dum conflito polaco-lituano.—(L)

FIGUEIRA DA FOZ

A Batalha vende-se nesta localidade na barbearia de Firmo Ferreira Pinto da Fonseca, na rua da República, 132.

SOCIEDADES DE RECREIO

«Os Choras».—Hoje, às 21 horas, imponente «soirée».

Edições de A SEMEITEIRA

Livraria de **A BATALHA**

OBRAS DE LITERATURA, SCIÊN-
CIA E ENSINO

OBRAS DE LITERATURA, CIÊNCIA E ENSINO		Jorge Teixeira.—Catunios de Luva Branca—A Escamalha (peças de teatro)	
Abel Botelho—Amanhã.....	16\$00	Julão Quintinha.....	2\$50
Alexandre Herculano.....		Vishinhos do Mar.....	8\$00
Lendas e Narrativas (2 volumes),	18\$00	Cavalgada do Sonho.....	8\$00
Cartas (2 volumes).....	18\$00	Terras de Fogo.....	8\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal (3 vols.).....	27\$00	Dor victoriosas (novela).....	5\$00
		Laizant.—Iniciação matemática.....	10\$00
		Mulsant.—Relatório.....	

Adolfo Lima		Mário Domingues — Hugo, o pintor	
Contrato do Trabalho	10\$00	(novela).....	\$2
Educação e ensino	5\$00	Anastácio José (idem).....	\$25
O ensino da história	1\$50	Manuel Ribeiro	
Aquilino Ribeiro		Podar redentor (novela).....	5\$00
Anatólio France	3\$00	Mirbeau — O Jardim dos Supplices	4\$00
Estrada de São Tiago	10\$00	Nogueira de Brito	
Jardim das Tormentas	10\$00	1 — Memórias de Angela Pinto	15\$00
Via Sinuosa	10\$00	Sauege Fidalgo (novela).....	\$25
As Filhas da Babilônia	10\$00	Não, diz a Lei (novela).....	\$25
Terras do Demo	10\$00	Pargamé — Origem da vida.....	\$900
Augusto Machado — Impossível ren-		Oliveira Martins	
dência (novela)	\$25	Helénismo e a Civilização Cristã	15\$00
Augusto de Sousa — Fôlhas perdidas		História da Civilização ibérica.....	15\$00
(Fados)	10\$00	História da República Romana (2	
Bento Faria — Missa nova (teatro em		volumes).....	30\$00
verso)	2\$00	História de Portugal (2 vol).....	30\$00
Binet-Sangle — A loucura de Jesus	4\$00	Raças Humanas (2 vol).....	30\$00
Buckner — O homem segundo a		O Brasil e as Colónias Portuguezas	15\$00
ciência	12\$00	Cartas Peninsulares.....	15\$00
Charles Darwin — Origem das espe-		Sistema dos mitos e fidejos religio-	
cies	14\$00	sas.....	15\$00
Campos Lima		Orlando Marçal	
O Estado e a evolução do Direito	12\$00	Águas claras.....	6\$00
O Amor e a Vida	5\$00	Imagens de Sonho.....	1\$00
Cela dos Pobres	2\$00	Raul Brandão	
A Revolução em Portugal	6\$00	Os Pescadores.....	10\$00
Cristiano Lima — A escola de Nun'Al-		Os Pobres.....	10\$00
vares (novela)	\$25	O Teatro.....	8\$00
Duarte Lopes — Friei Sangue	5\$00	Spencer — Da Educação (br. 5\$00) enc.	83\$00
		Sobral de Campos — Dois tiros (no-	\$25
		vela).....	\$25

O crime do Padre Amaro.....	18500	Tolstoi. — A sonata de Kreutzer.....	4900
O primo Basílio.....	15500	Ana Karenine (3 vol.).....	15500
O Mandarim.....	8500	Toulouse. — Como se deve educar o espírito.....	4900
Os Maias (2 vol.).....	28500	Wenceslau de Moraes.....	
A Reliquia.....	18500	Dai-Nippon.....	12500
A Cidade e as Serras.....	12500	Victor Hugo.....	
Fradique Mendes.....	9500	França e Belgica.....	10500
Casa Ramires.....	15500	O Reno (2 v.).....	15500
Prosa Bárbaras.....	10500	Os Miseráveis (2 grossos volumes trad. e encadernados.....)	40500
Ecos de Paris.....	9500	Zola.....	
Cartas Familiaes.....	9500	A Taberna.....	12500
Cartas de Inglaterra.....	9500	Tereza Raquin.....	5500
Minas de Salomão.....	9500	Alegria de viver (2 vol.).....	8500
Notas Contemporâneas.....	15500	A conquista de Plassans, (2 vol.).....	8500
Últimas páginas.....	15500	Fecundidade.....	20500
Contos.....			

Ernesto Haackel	15000	Afortunados do Rougem, (2vol.)...	8500
História da Criação	20800	Uma página de amor...	9500
Origem do Homem	14500	Dr. Pascal.....	8500
Os enigmas do Universo	14500HETOS	15000
Monismo.....	4500	Eliseu Regis — Anarquia à igreja	3300
Religião e evolução.....	6500	A Evolução — legal e a anarquia	
As maravilhas da vida.....	14500	Gonçalves Correia — A Felicidade de	
Faguel — Iniciação filosófica.....	5500	todos os seres na Sociedade	
Iniciação literária.....	10300	Futura.....	5500
Faria de Vasconcelos.....		José Prates — A burguesia e o prole-	
Problemas sociais.....		ta.....	5500
		A necessidade da liberdade.....	

Por terras de além mar.....	\$800	Content. — Contra o confusãoismo.....	\$300
Ferreira de Castro.....	\$500	Alfredo Neves Dias. — Razão (poema social).....	\$300
Sangue Negro.....	2\$50	Ernesto de Silva. — Teatro livre e social.....	\$500
Sadadas de Lirismo e de Amor.....	\$850	Arte Social.....	\$300
A. Pereira. — Mundo Novo.....	6\$00	Landauer. — Social Democracia.....	\$300
E. Castro e E. Fria. — A Boca de Canjiquê.....	\$500	R. Mela. — O princípio do fim.....	\$300
Flamariem.....	\$500	A. Maconaria e o proletariado.....	\$500
Iniciação astronômica.....	\$500	J. Mont. — Peste religiosa.....	\$500
		João P. da R. — A maior.....	\$500

Contos de Ará.....	5800	Definições sociais.....	\$50
Como chegar ao mundo.....	7800	Horas anárquicas (versos).....	\$50
Os habitantes do mundo.....	4900	Trovas da Noite.....	\$100
Felix le Dantec, — As influências an- cestrais.....	10800	Roberto, o pescador.....	\$100
Fialho de Almeida.....		Memórias do Parque de São João do Forte.....	\$100
Lisboa Galante.....	10800	— Carnet de Pensamento.....	\$200
Estísticas de Arte e Saúde.....	9800	Jakunina, — O sentido em que so- mos as corquistas.....	\$50
Figuras de destaque.....	9800	Chueca, — Como não se é anarquista.....	\$50
Actores e Autores.....	9800	Lazare, — A Liberdade.....	\$50
Contos.....	9800	A Esquina.....	\$50
A Esquina.....	9800	B.Eitruv, — A minha defesa.....	\$50
Aves Migradoras.....	9800	J.Kronotkine.....	\$50

Barbear, Pentear.....	9500	Os bastidores da guerra.....	\$30
Cidade do Vício.....	9500	Moral anarquista.....	\$50
Passinadas.....	10800	O espírito revolucionário.....	\$50
País das Uvas.....	9900	O estado e o seu papel histórico	\$50
Sabam quantos.....		J. Guedes.—Lei dos Salários.....	\$50
Vida errante.....	9900	Briand.—A greve geral.....	\$50

Vida Ironica.....	9000	Roland.—Russia Nova.....	\$50
Guerra/Junqueiro.—A morte de D. João	10800	*** O sindicalismo e os intelectuais	\$50
Mussa em férias.....	9000	D. Carvalho.—A gestão sindical no	\$50
Os Simples.....	7800	período revolucionário.....	\$50
A velhice do Padre Eterno (Edu-		A. Hamon.—A crise do socialismo	\$50
cinação de luxo).....	14800	J. Santos.—A transformação da	\$50
Bachada.....	10800	sociedade.....	\$50
Gorki.—Os Degenerados.....	4800	Nena Vasco.....	\$30
Os Vagabundos.....	4800	Georgicas.....	\$30
Na Prisão.....	2850	Greves de inquilinos, teatro.....	1500
Ibsen.—Espectros.....	4800	*** Proletariado Histórico.....	\$50
Casa de bonecas.....	\$800	G. Archinot.—A Revolução so-	\$100
Jacquinet.—História Universal, 2.ª	10800	cial e Sindicalismo.....	\$50
famê Cortezão.—Adão e Eva (tea-		Carlos Rates.—A ditadura do pro-	\$100
tro).....	10800	letariado.....	\$100
João Benedy.—A ciência redentora		Emilio Chapelier.—Porque não	\$100
(novela).....	\$25	creio em Deus.....	\$100
Jesus Peixoto.—O mestre geral (no-		Rodolfo Rucker.—O sindicalismo	\$100
vela).....	\$25	revolucion. e a organização operária	\$100

esforçar-me hei por
te, e que uma louca
proverei a Oliveira
República e contra
a em vez de a con-
da pelo estrangeiro.
sas que não me es-
a alma abatida e
meus esforços!...
do que tu, melhor
-me, que chegou a
ão: sabem a parte
gento Mauricio, das
do sr. de Plouernel?
E também sei, ou
de Maurício!... E'
vo esta última des-

Oliveiros querê dizer conservar-se fiel a memória de
Maurício!

—E contudo este amor, tão puro como o outro
seria odioso e revoltante! murmurou Vitória.

—Então, Vitória! disse João, não podendo conter
as lágrimas. Não te abandones assim ao desespero.
Encaremos friamente a realidade, e regulemos pra-
tica o que se deve fazer.

—Oh! a realidade! disse Vitória. A realidade é
esta: nenhuma força humana pode impedir o suicídio
de Oliveiros, se eu lhe não prometer que serei sua
mulher ou sua amante! Eis a alternativa: a infâmia
para mim ou a morte para êle.

A's palavras de Vitória succedeu um silêncio de
alguns instantes.

—Ai de nós! disse João Lebreñn. Sim! é a fatali-
dade que nos encerra num circulo de ferro... Sim!
uma espécie de vertigem quando sondo este abismo
de males inevitáveis, e contudo tenho ainda não
que vaga esperança... talvez alguma inspiração...

—Sim! disse Carlota. Eu tenho uma esperança
porque a nossa irmã Vitória tem um nobre coração.
Oliveiros é dotado de excellentes qualidades... Crei
que se poderá achar uma solução honrosa para nós
todos.

—Oh! minha adorada mulher! exclamou João
Lebreñn. Dão-me alento as tuas palavras. Sim, todas
as situações, por mais desesperadas que pareçam, têm
em si as suas soluções honrosas... Querida irmã
ergue essa fronte abatida... Tenhamos fé na união
de nossos corações!

De repente, Vitória, que até então tinha estado
pensativa e cabisbaixa, levantou-se transfigurada
radiante, e abraçando ternamente a cunhada, exclamou:

—Disse muito bem, Carlota... devemos sair honro-
rosamente desta situação. Ah! meu irmão, de que peso
está aliviado o meu coração! A'manhã saberão que
foi a minha idea. A'manhã se quebrará o circulo de



REFLEXÕES AMARGAS

Na vida só há tristeza

Cantem outros «a alegria de viver». Quem sempre tem visto a vida de frente, quem continuamente leva nos lábios o regosio do colegial, incapaz de sustentar dez minutos seguidos um sentimento penoso, quer hoje cantar a tristeza de viver.

Contra as profecias infundadas de um amigo, não tenho nada de hipochondríaco; as minhas horas tristes pertencem aos vinte anos, quando ao cair da tarde vinham sobre mim as melancolias da terra, as dozes melancolias que me arrastavam fundas canções. Agora, agora, já enfeitado em anos não resta mais do que o desgosto de que não venham aquelas melancolias com igual intensidade. Depois, se alcanço a velhice, voltarei talvez às tristes melancolias da mocidade, mas não serei já mais um pessimista nem teórico, nem praticamente. Saúde, sobre tudo, para ver e saber.

Não me sinto de nenhum modo Schopenhauer e, sem embargo, penso muitas vezes como ele, que não vale a pena viver. Sou pessimista? Sou optimista? Metem-me horror as coisas! Não sou nem uma coisa nem outra: olho simplesmente a vida de frente, entenda-se a vida tal qual é; sonho logo a vida possível e desejável, a vida digna de ser vivida, e perturba-se-me a forçada tese da alegria de viver.

A tristeza de viver é a firmeza para uma alma que sente e um cérebro que pensa. Há mais feroz tortura do que a de trazer no sangue todos os anseios do bem, da justiça, do amor, e queimarem-se ao contacto de todas as maldades, de todas as injustiças, de todos os ódios? Necessita-se viver muito para si mesmo, quasi nos termos do impossível, ou ser muito besta para cantar a alegria de viver.

Olhai para a vida privada: nada há que não esteja pervertido, envenenado pela inveja, pelos ciúmes, até pelo rancor. As mais baixas paixões, os vícios mais porcos, os sentimentos mais degradados nos impellem secretamente numa guerra despiada de vólbros, à dentada com toda a razão humana, com toda a humana bondade. Se queris permanecer puro e são, despedaçai-vos impune e sem compaixão. Nem ao menos se consente ser bom. E quando vos imaginais na posse de uma consciência elevada, de uma conduta severa, repais, pelo menos, que lá dentro vos morde cobardemente o mal, a baixa, a imundície hereditária do património universal. Então sobre-vos a amargura aos lábios e exclamais: «não vale a pena viver».

Que terrível luta forcejar constantemente contra si mesmo; atrever-se a passar desdenhosamente sobre as misérias alheias; pelejar contra tudo e contra todos e ver-se em breve agarrado nas redes da própria pequenez, não há optimismo que não ceda e hesite!

Sim, pela vida digna de ser vivida temos que cantar a tristeza de viver. A tristeza mental, a tristeza da razão que cai como nuvem funerària sobre as gargalhadas da carne, do organismo inteiro que quer expandir-se sem lhe importar, um pouco que seja, a dor e a miséria alheia.

Ampliai um pouco o círculo da observação. O mundo político, o mundo das ideias? O mundo literário e artístico, o grande mundo do trabalho, que vos parecem?

Os homens, semelhantes-se a bonecos de molas que repetem a sabida frase ou a aplaudem estrepitosamente. Não falemos das avaras, das farsas, das ambições, dos crimes ostensivos à vida pública. E' moeda corrente que nada tira nem põe à honradez dos senhores que nos rodeiam. Que grande vergonha ter chegado a tal extremo!

Fábricas de programas, de doutrinas, de teorias, como as de quinquilharia barata, estão dirigidas pelas emblemas mais afamadas. Cada indivíduo se aferra à sua tese e trepa pela escada sem fim da audácia de viver, de viver à custa de tudo, pelo preço da indignidade, do ludíbrio, da espoliação, até do roubo e do assassinato. Oh, a alegria de viver!

E não são só os seus directores. A multidão imita-os, se é que não obra por impulso próprio da mesma obra. A multidão, todos, adoptam a sua postura, elegem a sua filosofia e gravemente, seriamente, lutam de braço erguido pela melhor das situações: uma patarela aprendida de fugida em qualquer injúria ladainha do primeiro tunante que se presta a ensinar as artes especiais da sua especial quinquilharia.

O essencial é apanhar um nome, jactar-se de uma doutrina, encaixilhar-se, ostentar uma etiqueta e zombar logo dos partidos, das escolas, das igrejas. Convecção, crenças, fé, sinceridade? Lérias! A imensa maioria nem sequer pensa em cobrir a fraude. Não se zomba de todas essas coisas inocentemente. Cada um vai impulsionado pela ambição, pela inveja, pela cobiça, e as mais ruins paixões são o verdadeiro motor de toda a agitação.

Mas aí estão os artistas, os grandes artistas para embelezar a vida. Que enorme montão de torpezas, de amalgamas bárbaramente preparadas! Eles também trepam como podem pela empinada encosta. Cantam o assassinato colectivo, prostrando-se aos pés do César triunfante; pintam as excelências da vida de rebanho; dirigem psalmos ao poderoso e hinos gloriosos às sanguinárias façanhas dos aventureiros da pátria; têm os seus deuses, os seus sacerdotes e até os seus eunucos. São tão imensamente grandes que a menor beliscadura da inveja se despenha ante o respeitável público e mostram o horrível esqueleto carcomido, esburacado, já pulverulento. E então eles também procuram apanhar uma etiqueta e, uma vez apanhada, combatem denodadamente pelo realismo, pelo romantismo, pelo decadentismo e também... pelo esteticismo. No *The struggle for life*, dizem-lo em inglês para maior clareza, é necessário para alcançar os cumes da glória. E na verdade, pela justiça, pela humanidade: um raio que os parta!

Perdoa, leitor, que não conclua ainda. Estou com veia para que me surram os que cantam a alegria de viver.

Espera um pouco, que agora toca por turno à grande colmeia social, ao mundo do trabalho. Vês todos esses borregos que vão e vêm da fábrica para a poçola, do semeado para a cavena, da traieira para a oficina? Pobres manequins que trabalham como bestas, como são cobardes! Pois eles também têm o seu coraçãozinho. Agora, no grande vendaval socialista e republicano, seguem os outros, os fabricantes de programas e de doutrinas, contentam-se com os comités e com as eleições. De vez em quando corre o sangue: deixam-se assassinar

nar como mansos. E' que a alegria de viver arrasta-os para a loucura. E quantas, quantas baixas ambições, quantas avaras, quantas surdas contendas por passar adiante a perigosa ascensão pela escada do desejo! Os chefes, os directores, os que palram! Os chefes, os directores, os que escrevem muito bem nas reuniões, os que escrevem nas periódicos, adoptam assim mesmo a sua postura correspondente e, pela emancipação social dos pobres, dividem os pobres pelo meio levando-os ao lamaçal da luta miserável em que só se debatem as ruins ambições, as cobiças ignóbeis.

Se, como disse não sei quem, é burguês o que pensa que temos a alegria de viver! Já sei, já sei que não é sómente a imunidade que transborda do póço. Há homens inteiros, verdadeiramente grandes; homens de fé e de sinceridade tanto entre os que se elevam pelo seu génio e pelo seu talento como entre os humildes que vegetam no silêncio, ignorados de todos; há homens, homens de verdade, em qualquer parte.

Para estes, precisamente, é a tristeza de viver, a tristeza mental da razão. E' para estes a tristeza de viver porque a realidade poética em que se movem afoga toda a sua poética vigorosa de bondade e de justiça. Como poderiam entregar-se à alegria intelectual, se tudo o que os rodeia é escorregadio e vergonhoso? O seu refúgio é a luta, a luta pelo bem, pela regeneração do homem, pela renovação do mundo. Mas a luta é dor, é tristeza, é forçamento brutal da própria bondade, da justiça bem sentida. E, pois, porque lutar equivale a dor, a tristeza de viver, por mais fecunda que seja no homem de bem, é fatalmente a carcoma do coração e do cérebro.

Repugna, quando se possui uma sensibilidade medianamente desenvolvida, o contacto com todas as porcas da vida privada e da vida pública. Causa asco ao estômago o continuo roçamento com a falsa honradez, a justiça fictícia, o amor afectado, a amizade simulada. Desditoso do que vá pelo mundo confiado na sua natural bondade e rectidão! Cada desengano será um ferro candente que lhe queimará a carne. E os desenganos, um após outro, levá-lo-ão lentamente à tristeza de viver.

Revoltar-se contra o mal? Oh, sim, é necessário! Além, muito ao longe, assoma o sol fulgente da nova vida, a vida digna de ser vivida. A multidão que se refocila nas sugidades de uma existência vergonhosa, a degradada pelos estímulos da cobiça, das ambições, da inveja, dos ciúmes, do ódio e do rancor, virá para junto dos caminheiros da justiça e do amor, porque em cada homem palpita o desejo de renovação mantido pela chama do bem, meio apagada no transcurso do tempo infame que nos conduziu à vil e actual negação de nós mesmos.

Esta vida, que alguns querem que nos inspire a alegria de viver, traz à minha pena uma palavra suja...

Perdoa, leitor; não ousei escrevê-la. Foi a alegria de viver que esteve a ponto de me tornar grosseiro.

Ricardo MELLA

PROPAGANDA SINDICAL

Uma sessão em Aldeia dos Barros

GRANDOLA, 19.—A' Aldeia dos Barros enviou o sindicato dos corticeiros desta localidade dois delegados, Jacinto Ventura e Joaquim Custódio, em propaganda sindical. Na sede do sindicato dos rurais, em Barros, efectuou-se a palestra, que foi escutada por muita gente do campo e de outras profissões, não faltando as mulheres.

Falaram vários trabalhadores, entre os quais os delegados, que aconselharam os rurais a ingressar no sindicato, a fim de participarem da sua missão de trabalhadores conscientes. A interferência dos trabalhadores só pode constituir um mau exemplo, porquanto, só a acção sindical pode conduzir à emancipação do operariado.

José Amândio, trabalhador rural, exortou as mulheres ao ingresso nos sindicatos, visto que elas poderão realizar a missão mais grandiosa na emancipação humana.

José Quarenta insurgiu-se contra a taberna, lugar em que se atrofia lentamente a consciência do trabalhador, onde se germinam o vício e o crime e onde o operário perde a noção da sua situação moral e económica.

Outros oradores seguiram a mesma orientação nos seus discursos, tendo a sessão sido encerrada entre aclamações ao sindicato rural, à C. G. T., ao sindicalismo revolucionário.—E.

CONSELHO TECNICO —DOS— TRABALHADORES DO TRAFEGO DO PORTO DE LISBOA

O Conselho Técnico deste Organismo comunica às Agências de Navegação, Consignatários e Comércio em geral, de que procede às cargas e descargas nos Entrepósitos do Porto de Lisboa, com a máxima rapidez e boa execução, sob condições consentâneas de preço.

Escritório: Largo do Marquês do Lavradio 6, 1.º Tel. 629 Central — PRAÇA DO COMERCIO

Secção telegráfica

Federações

MOBILIARIA

Sindicatos do Porto e de Gonçalo. — Respondam com urgência aos officios enviados.

Sindicato de Coimbra. — Recebemos officio, vamos responder.

JUVENITUDES SINDICALISTAS

Núcleo de Faro. — Segue o expediente pedido.

LUTA DE CLASSES

A trágica situação dos operários despedidos das obras públicas de Loanda

Loanda, Dezembro. — Os operários que foram despedidos das obras públicas de Loanda têm diligenciado na defesa dos seus interesses tão injustamente feridos.

O secretário provincial do interior reconheceu já que os operários têm direito a ver atendidas as suas reclamações, que encerram princípios de humanidade.

E' angustiosa a situação do proletariado. Se as suas reclamações não forem atendidas, como é de justiça, ficam em perigo o pão e o futuro das famílias dos trabalhadores.

Há precisamente três anos que o povo trabalhador (seja qual for a sua cor) vem lutando atrozmente com as vicissitudes da vida, forçado a numerosos sacrifícios, conseqüentes da precária situação que Angola tem atravessado.

Se até aqui a nossa situação era deprimida para a própria colónia em que labutamos, para o futuro será cada vez pior, porque a miséria ameaça-nos cada vez mais, e não será de estranhar que, daqui a poucos dias, presenciemos o quadro vergonhoso de operários, especialmente europeus, estenderem publicamente a mão à caridade, em virtude de não terem onde ganhar um pouco de pão para mitigar a fome dos seus filhos, como aconteceu quando era governador geral o sr. Antero Tavares de Carvalho.

Segundo os jornais locais, o governo resolveu dispensar uma grande parte, a quasi totalidade dos seus operários, em virtude de as verbas se encontrarem esgotadas e de, ao mesmo tempo, a provincia ter um deficit de 53 mil contos.

E' para lastimar, e, ao mesmo tempo, notámo-lo com bastante mágoa, que o governo atire assim para a miséria um punhado de trabalhadores (europeus e nativos), quando dos não cabe a menor parcela de responsabilidade pelo estado a que chegou Angola, sem que, tampouco, nos accuse a consciência de sermos nós os causadores desta situação, a não ser por termos cumprido com os nossos deveres de trabalhadores honestos trabalhando sempre em prol do levantamento de Angola.

E agora, preguntamos nós, porque motivo há de ser sempre o proletariado o mais sacrificado? Será por não cumprir com os seus deveres? Creemos que não.

Em que situação ficam os operários despedidos das obras do Estado?

A industria particular não há que fazer, ou, por outra, haveria muito que fazer porque a maior parte dos créditos de Loanda carecem de grandes reparações; porém, como os seus proprietários não podem executar-lhes em consequência da sua também precária situação, o facto, para nós, tem os mesmos resultados negativos.

Não bastava andarem já sem trabalho algumas dezenas de camaradas nossos da construção civil, para irmos, nós ainda, engrossar esse numeroso exército dos sem-trabalho!

O custo da vida aumentou e tem tendências para aumentar, e os operários, com os ínfimos salários que têm auferido, nunca puderam melhorar economias que lhes permitam manter-se durante dois, três ou mais meses sem trabalho.

Mantê-los despidos é condenar a fome algumas dezenas de famílias, é fazer-lhes expiar um crime que não cometeram. — Especial.

FESTAS ASSOCIATIVAS

O 1.º aniversário da Escola Racional de Gaia

Passa no dia 28 do corrente o 1.º aniversário da Escola Racional de Gaia, e comemorando esse facto vai realizar-se nos dias 27 e 28 um grandioso festival em que tomarão parte valiosos elementos.

No dia 27 realizar-se-á uma sessão solene na sede da Escola, rua General Torres, 143, em que fará uma conferência, um elemento de valor e será distribuído um lanche aos alunos da Escola. No dia 28 realizar-se-á um grandioso festival no magnifico Cine-Parque da Avenida, gentilmente cedido pelo seu proprietário sr. Alvaro de Carvalho, antigo operário tanoeiro, em quem tomara parte a Ex.ª Sr.ª D. Vitória Pais, illustre professora lisboense, que fará uma conferência sobre educação.

Após a conferência da distinta educadora realizar-se-á uma sessão cinematográfica educativa e mais atraentes números de arte.

Os poucos bilhetes que restam para este grandioso festival, encontram-se à venda na sede da Escola, rua General Torres, 143, na residência do seu secretário, rua Zefireno Costa, 7—Candae—no Porto: no Centro Comunista Libertário, rua Entrepredeiros e na redacção do jornal «A Comuna», rua do Sol, 131.

IMPRENSA

«Educação Social»

Acaba de se publicar o n.º 12, do 3.º ano, da interessante revista «Educação Social», dirigida pelo professor Adolfo Lima. E' o segundo do sumário deste numero: «Ligação Portuguesa Abolicionista»; «O abolicionismo e a educação» — dr. Arnaldo Brazão; «A prostituição em Coimbra» — Alvaro V. de Lemos; «A influência moral do trabalho» — D. Angelita Pôrto; «Prostituição e Regeneração» — D. Beatriz Teixeira de Magalhães; «Julgadores sem direito de julgar» — D. Júlia Franco; «O Heroísmo de Carácter» — José Carlos de Sousa; «Escolas primárias superiores» — Adolfo Lima; «Factos & Documentos», «Livros & Revistas»; «Aos amigos da Educação Social».

Como se pode depreender, o presente numero da «Educação Social» refere-se especialmente aos problemas abolicionistas.

CONFERÊNCIAS

A próxima conferência, da que se vêm effectuando no Sindicato dos Profissionais da Imprensa, realiza-se amanhã, sendo conferente o sr. Edúino Móra, illustre jornalista e escritor cubano.

EM LOURENÇO MARQUES

Situação dos caminhos de ferro: material sem reparação, serviços desorganizados e má administração

Lourenço Marques, Novembro. — E' sabido que o sr. Ruas com a sua tão decantada reorganização pretendia realizar uma economia de cerca de 30.000 libras anuais, e para isso atrava para a rua, de chofre, com 200 homens. Não é segredo também que das economias a realizar por essa medida, repartia uma parte por alguns funcionários, reduzindo-as assim.

Não viu o sr. Ruas, esse administrador ideal, que existem economias que redundam em prejuizo e se o viu ou se alguém lho disse, ele, autoritário como o é, não quis disso saber e levou assim a classe ferroviária para o único campo de protesto que lhe restava, atendendo à forma como eram, por ele, recebidas quaisquer reclamações.

E' o resultado foi que o projectado volume das economias se multiplicou por 6 ou 8, passando depois para as columnas do Devedor contos de Lucros e Perdas.

E' facto que não podemos, por nos faltarem os precisos elementos de estatística, calcular os prejuizos sofridos, mas que fôrta e enormes, não pode restar a mais pequena dúvida.

Independente do numero de barcos que aportam a Lourenço Marques, a verdade é que o movimento de carga diminuiu consideravelmente, a ponto de terem as companhias de descarga de reduzir pessoal e de sofrerem prejuizos consideráveis.

Quere isto dizer que o comércio do interior ficou mais do que esquecido com a normalidade dos serviços, porque viram as suas mercadorias amontoarem-se nos nossos armazéns, sem possibilidade imediata de as receberem.

Natural era que aos fornecedores o comércio do Transvaal desse as ordens que deu, isto é, que lhes ordenasse o embarque de mercadorias para os portos da União, visto se não quer sujeitar, de futuro, a prejuizos consideráveis, como os que sofreu durante a época passada do Natal e do Ano Bom, quando pela falta de mercadorias viram as suas transacções comerciais reduzidíssimas.

Nisto e em muitas outras cousas não pensou o sr. Ruas, o que de resto não admira, atendendo, como se tem de atender, que só os homens com larga inteligência é que podem prever as conseqüências dos actos que se propõem praticar.

Os prejuizos causados pela teimosia do sr. Ruas, porque indubitavelmente foi ele em primeiro lugar e o secretário do Fomento em segundo que levaram o sr. Azevedo Coutinho a mudar mais de uma vez de opinião, mas sempre para pior, foram enormes como o temos demonstrado e sem que com isso beneficiassem os serviços ferroviários.

Olhando-se para qualquer lado só vemos a prova do que avançamos. As economias que o sr. Ruas queria fazer, viram-se ele transformarem-se em prejuizos enormes e como demonstrámos o que os Caminhos de Ferro deixaram de receber em fretes de carvão, uso de carvoeiras-guindastes, direitos de cais, etc., durante os meses da greve e nos dois ou três que se lhe seguiram, absorveram as tais 30.000 libras que deviam endieitar as finanças daquela repartição.

E' claro que não entra em linha de conta o que se perdeu por não virem vapores carregar ao porto, o que representa uma soma extraordinariamente maior, nem tão pouco as mercadorias que entraram na União pelo porto de Durban, por não merecer o ser.

EM SANTAREM

Um amador causa um terrível desastre de automóvel

SANTAREM, 19.—O desastre de automóvel, ocorrido na estrada que da Barquinha conduz ao Entrancamento, na madrugada de 13 do corrente, e de que resultou a morte do infeliz Júlio Cruz, e ferimentos de extrema gravidade no sr. Tomás Ferreira Raposo, e nas duas toleradas Olympia e Virginia, além de alguns ferimentos de somenos importância no condutor do automóvel, Francisco de Azevedo Cordeiro, deve-se apenas às autoridades de Santarém.

Se as autoridades de Santarém não desconfiassem a existência do decreto com força de lei, de 27 de Maio de 1911, este desastre não se teria dado e nós não teríamos de lamentar hoje este triste acontecimento que enlutou uma família e causou consternação em toda a cidade, onde Júlio Cruz gozava de gerais e merecidas sympathias.

Mas, nem o sr. governador civil nem o commissário de policia, tenente Lino Valente, ligaram a minima importância à letra de tal decreto; e, daí, este desastre, e outros que fatalmente se lhe seguirão. Parece que as leis, sómente se fizeram para os pequenos, para aqueles que necessitam andar de dia e de noite agarrados a um volante para ganharem o seu pão e o dos seus; para os bafejados da sorte e da fortuna, para aqueles para quem o automóvel é um brinquedo cómodo e a vida do próximo, coisa de somenos; para esses que appareceram neste mundo senhores de milhares e milhares de escudos, sem saberem, sequer como se consegue obter, trabalhando, um misero pataco, para esses não há leis, não há autoridade, não há policia, não há cadeia.

Para comprovarmos esta afirmação basta lembrar que ainda não há muito tempo, talvez uns quatro meses, entregámos ao commissário da policia um requerimento em que se pedia instantemente se averiguassem diversas cousas que diziam respeito ao causador do desastre de que nos vimos occupando, e ao próprio carro que agora se despedaçou próximo do Entrancamento; porém, certamente por se tratar de um «menino» rico e protegido, patricio e amigo do secretario do commissariado, até hoje nada se procurou averiguar não obstante terem-nos exigido os cinco escudos para começo do trabalho, não sabemos se com qualquer fundamento legal, ou mesmo sem elle.

Os resultados das escandalosas protecções já estão.

viço, «a pesar da sua normalidade», a confiança do comércio do Rand.

Comquanto não nos seja possível obter elementos de comparação, isto é, elementos estatísticos, para mostrar a situação desgraçada a que chegou o material ferroviário, conseguimos ainda assim elementos que nos habilitam a mostrar aos leitores e às autoridades factos que não podem ser negados, nem mesmo por aqueles que a dentro dos C. F. L. M. continuam a ser os porta-vozes do sr. Ruas.

Temos a peito demonstrar que o sr. Ruas não é um funcionário que convenha na sua capacidade de director dos Caminhos de Ferro.

Vamos hoje apreciar o estado em que ficaram as máquinas que o grande engenheiro sr. Avelar Ruas meteu em mãos mercenárias, mas que segundo o seu modo de ver estavam em esplêndida ordem para fazer o serviço dos nossos combóios.

Temos dito que essas máquinas se transformaram num montão de sucata e vamos prová-lo.

Vejam áhque a quem este assumo interesse, este bocadinho de ouro:

Série 6-11—6 máquinas: Em manobras, 2. «Esperando» reparação, 4.

Série 20-41—22 máquinas: Em serviço de combóios, 6. Em manobras, 8. Em reparação geral, 5. «Esperando» reparação, 3.

Série 50-51—2 máquinas: Ambas em reparação geral.

Série 100-101—2 máquinas: em serviço de combóios, 1; em reparação geral, 1.

Série 200-209—10 máquinas: em serviço de combóios, 4; em reparação, 5; em Ressano Garcia, 1.

Série 301-305—5 máquinas: em serviço de combóios, 2; em reparação geral, 1; em pequena reparação, 1; «esperando» reparação, 1.

Série 401-404—4 máquinas: em serviço de combóios, 4.

Quem ler os números acima não pode ainda fazer uma ideia aproximada do estado em que as máquinas se encontram, porque máquinas há que andam ao serviço precisando ser reparadas.

Desde meados de Agosto até à data foram reparadas 5 máquinas, estando ao serviço de combóios 17, sendo 3 da série 20-41 e 2 da série 200-209. Todavia só se consideram em bom estado, da série 200-209, as máquinas 201-203, precisando as outras de reparação geral, e as da série 20-41 apenas 4 estão em bom estado de serviço, precisando de reparação quasi todas as outras quer em serviços de combóios, quer no de manobras. As máquinas da série 401-404 encontram-se em bom estado, mas, segundo informações que temos e de que a direcção dos Caminhos de Ferro tem conhecimento, não se tem atendido às suas pequenas reparações em devido tempo, por serem poucas para fazerem o serviço da linha de Lourenço Marques a Ressano Garcia e principalmente pela falta de operários que as reparam.

Desafiamos a direcção dos C. F. L. M. que negue estas informações.

As máquinas da série 20-41, antigas e cansadas, usadas antes da greve para as linhas de Xinavane e de Goba, têm sido mandadas para Ressano Garcia, por, é claro, as outras não poderem, dadas as condições em que se encontram, fazer o serviço.

Não vale a pena insistir mais sobre este assumo. — Correspondente.

Há tempo, o governador civil do distrito de Santarém fez publicar uns editais, concedendo o prazo de 15 dias para que todos aqueles que desajassem conduzir automóveis, se habilitassem legalmente a fazê-lo. Ora, esse edital é ilegal e arbitrário. O decreto de 27 de Maio de 1911, já citado, no seu art. 57, pune aqueles que, encontrados sem a respectiva habilitação legal, a não apresentem no prazo de 24 horas; e a pena de cadeia imposta em casos destes nem sequer pode ser remivel; por isso, as autoridades que passaram além deste decreto, ou exorbitaram de má fé, ou não souberam ler ou interpretar.

Nomeou policiaes destinados apenas a incomodar os condutores, que por necessidade, fazem disso a sua profissão para ganhar a vida, deixando em paz os meninos bonitos que continuam a fazer a sua regular aprendizagem nas ruas da cidade, a martirizar as pessoas nervosas ou doentes com os roncões horríveis de escapes potentes, e os menores continuam guiando autos sob os olhos complacentes dos guardas. Não se pergunta pela idade; pergunta-se apenas quem é ou de quem é criado.

Não podemos deixar de aproveitar esta lamentável desgraça, para chamar a atenção de quem compete, para a forma como têm procedido as autoridades de Santarém no que toca a condução de automóveis, pois nunca se resolveram a meter na ordem todos esses meninos prodígios, que constantemente põem em risco a vida dos transeuntes, principalmente das crianças, nas tortuosas e apertadas ruas de Santarém; e, assim, quando se publica uma estatística dos desastres de automóveis, é a honrada classe dos «chauffeurs» profissionais que carrega com as responsabilidades desses desastres, ficando os meninos bonitos ilibados delas.

Parece que as autoridades da Barquinha vão chamar a responsabilidade o tal Azevedo Cordeiro, o principal responsável da tragédia. Consta-nos até que há já mandados de captura contra elle.

O condutor do automóvel S-335-A, teria conseguido tirar já pouco a sua carta de condutor de automóveis?... Se assim é, há mais um responsável: é o médico que lhe passou o atestado. Esse desgraçado condutor, além de ser um tuberculoso, é um epilético, um tarado, a quem nunca deveria entregar-se um volante.

Pelo estado do automóvel despedaçado ainda se vê que o carro trazia uma velocidade extraordinária, tendo o condutor infringido o artigo 41 e seu § único do já citado decreto.

Consta também que os passageiros foram ludibriados; pois tendo-os o dono do carro convidado para um passeio a Almeirim, ou Alparaiça, fôrta com elles até Tomar, onde cearam, e dali voltaram a caminho do de-

Vida Sindical

Comunicações

S. U. C. Civil.—Secção de Palma e arredores.—Reunião em assembleia geral, no dia 17 do corrente, para nomeação dos corpos gerentes para 1927, os quais ficaram assim constituídos: Comissão administrativa: 1.º secretário, António Henrique; 2.º secretário, Jerónimo Pereira; tesoureiro, Manuel Nunes; vogais, António Moraes e João dos Reis. Comissão escolar: José Maria da Silva, António Rabaça, João Simões, Joaquim dos Santos e Manuel Peres. Conselho técnico: Luís Gonzaga, Manuel Nunes, Manuel Patrão. Conselho de Secções: Manuel Patrão e Abel Dias Gonçalves. Assembleia geral: José Maria da Silva e Abel Dias Gonçalves. Comissão revisora de contas: António Henriques, Manuel Vinhais e João Simões.

Convocações

REUNEM HOJE:

Federação Mobiliária.—Pelas 20 horas, a comissão administrativa, para assumo urgente.

Federação do Ramo de Alimentação.—Pelas 20 horas a comissão executiva para trabalhos que se prendem com o desenvolvimento dos organismos aderentes.

Litógrafos e auxílios.—Pelas 20,30 horas, em assembleia geral para continuação dos trabalhos pendentes da assembleia anterior.

S. U. C. Civil.—Secção dos Serventes.—Pelas 20 horas, a comissão revisora de contas e a comissão administrativa. Não deve faltar o tesoureiro.

Secção do Alto do Pina.—Pelas 20 horas, assembleia geral.

Fragateiros.—Pelas 19 horas, a assembleia geral.

DIAS PRÓXIMOS

S. U. C. Civil.—Secção de Palma.—Reúne na sexta-feira, pelas 20 horas, a comissão revisora de contas.

Juventudes Sindicalistas

Núcleo de Lisboa.—Tem sido animador o acolhimento feito ao apelo em favor da biblioteca deste núcleo. As ofertas expontâneas estimulam os jovens ao prosseguimento da sua obra de educação e cultura. Os jovens desejam possuir uma biblioteca que contenha toda a variedade de conhecimentos úteis à preparação social e revolucionária do militante sindicalista. O núcleo de Juventude Sindicalista continua esperando que sejam valiosos os auxílios à formação da sua biblioteca.

Secretariado Central.—Reúne hoje, pelas 20 horas prefixas.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade

CONSULTAS JURIDICAS

O advogado do Conselho Jurídico, dr. Sobral de Campos, dará hoje, pelas 21 horas, consulta aos operários confederados que dela careçam, mediante a apresentação da caderneta confederal de sindicato.

—O secretariado reúne-se amanhã, pelas 21 horas, para deliberar sobre assuntos importantes, referentes aos camaradas presos, e outros casos pendentes.